

ALFREDO RIBEIRO DOS SANTOS

A RENASCENÇA PORTUGUESA

UM MOVIMENTO CULTURAL PORTUENSE

PREFÁCIO: JOSÉ AUGUSTO SEABRA



FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

Quando a Grande Guerra eclodiu, em Agosto de 1914, publicava-se o n.º 32 da 2.ª série de *A Águia* e o n.º 28 de *A Vida Portuguesa*. Logo no número seguinte do Boletim, Jaime Cortesão define a posição da *Renascença Portuguesa* evocando o vínculo à aliança inglesa e, numa aproximação espiritual com as nações irmanadas na cultura latina, a solidariedade com a França.

O editorial do número de Dezembro desse ano de *A Vida Portuguesa* começa de modo decisivo: "A *Renascença Portuguesa*, no cumprimento do seu programa, não pode alhear-se do momento histórico que atravessa a nossa Pátria. Este momento não é para palavras mas para factos concretos"¹. Apelando para o dever patriótico, lança a ideia da criação da "Sociedade de Instrução Militar" cujas bases são divulgadas pelo Conselho de Administração de que Jaime Cortesão é um dos signatários. Esta iniciativa, embora sem seguimento, constitui um acto profundamente significativo.

Longa e difícil vai ser ainda a preparação da consciência colectiva para decidir a colaboração militar com os Aliados. No Boletim e na revista, a intervenção é calorosamente defendida. *A Águia* dedica um número especial (52-54 Abril/Junho 1916) ao tema *Portugal e a Guerra*, em que aos colaboradores habituais da revista se juntam outros, entre os notáveis escritores e artistas da época. Deste magnífico número, onde Jaime Cortesão publica uma poesia de elevado ardor patriótico, o *Cântico Lusíada*, é feito um folheto especial com trechos seleccionados com a finalidade de atingir uma grande difusão da propaganda intervencionista.

Mas, numa acção notável, a *Renascença Portuguesa* editou dois números de um folheto para a preparação mental dos soldados, com uma tiragem de cem mil exemplares que vendeu por baixo preço ao Ministério da Guerra.

A *Cartilha do Povo* foi escrita por Jaime Cortesão mas saiu sem o nome do autor. Num primeiro Encontro, João Portugal, José Povinho e Manuel Soldado

¹ *A Vida Portuguesa*, n.º 32, p. 89.

tratavam de "Portugal e a Guerra" e num segundo Encontro "A Inglaterra e a França - o que são em relação a nós".

Levar um povo ainda ignorante, falho de vontade e de garbo patriótico, a tomar consciência do significado e das consequências da conflagração e a atingir uma exaltação colectiva em que sinta o dever de participar numa acção em que enfrenta o sacrifício da vida, tal é o novo e desmedido projecto de Jaime Cortesão.

O empenhamento tem exigências que excedem a capacidade de acção da *Renascença Portuguesa*. Outras iniciativas desviam o ânimo que Cortesão dava à missão da *Vida Portuguesa* e, como resultado, o Boletim suspende a publicação. A colaboração do poeta na revista torna-se muito reduzida e, significativamente, é constituída principalmente por trechos dos dramas históricos de incitação patriótica. A *Águia* publica ainda as "Cantigas ao meu Amor", enviadas de *La Coutoure*, em Fevereiro de 1918.

Deste modo, com a Grande Guerra, começa a crise da *Renascença Portuguesa*. O projecto de educação popular toma novo sentido e, não somente a integridade do solo pátrio é agora o nosso primeiro problema, como nos campos de batalha está em jogo o destino comum dos valores fundamentais da Civilização - a Liberdade e a Justiça.

O tema da Guerra, tratado sob diversas formas, está valiosamente representado nas edições da *Renascença Portuguesa* com obras de Cortesão, Augusto Casimiro, Pina de Morais, Alexandre Malheiro, Carlos Selvagem, Gomes da Costa, etc.

Pelo valor desses livros e da sua oportunidade, a actividade editorial da *Renascença* teve notável impulso.

Alfredo Ribeiro dos Santos, *A Renascença Portuguesa. Um movimento cultural portuense*, Porto, Fundação Eng.^o António de Almeida, 1990, pp. 132-133.